
As culturas binárias e ternárias: da intolerância à tradução semiótica*

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawaⁱ

Fábio Sadao Nakagawaⁱⁱ

Resumo: Com base na formulação proposta pelo semioticista da cultura Iuri Lotman, interessa-nos discutir de que maneira as estruturas binárias elucidam o funcionamento semiótico da intolerância, diferentemente do que ocorre com as estruturas ternárias, que se caracterizam pela ambivalência e pelo intercâmbio com diferentes esferas culturais. Ambas serão exploradas como tipologias que, segundo Lotman, prevê a apreensão das culturas como sistemas de linguagens que se organizam com base na presença de um dominante. Assim, no caso das estruturas binárias, isso ocorre por meio da dinâmica espacial estabelecida entre interior/ exterior ou dentro/ fora, da qual decorre a separação entre a “cultura própria” e o “alheio”, de modo que tudo o que não faz parte da primeira é visto como uma ameaça, gerando a intolerância. Por outro lado, nas estruturas ternárias, o “diferente” é considerado fonte de informação pela qual se constroem individualidades caracterizadas pela diversidade e pela heterogeneidade semiótica. Com essa discussão, objetivamos indicar de que maneira se dá a compreensão da intolerância como um fenômeno semiótico cultural e como ela é constantemente tensionada pelo movimento do espaço semiótico de relações.

Palavras-chave: estruturas binárias; estruturas ternárias; intolerância; tipologia da cultura.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198470>.

ⁱ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Santo Amaro, BA, Brasil, e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil. E-mail: regianemo@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2039-7610>.

ⁱⁱ Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil. E-mail: fabiosadao@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2296-5810>.

Introdução

Ao longo de sua obra, poucas foram as alusões feitas pelo semioticista Iuri Lotman à correlação entre as estruturas binárias e ternárias da cultura e as ações da vida em sociedade. Tais referências concentram-se sobretudo nos dois últimos trabalhos¹ do autor e, ainda que incipientes, considerando a totalidade da obra do semioticista, elas nos oferecem um importante indicativo de apreensão acerca do funcionamento dos mecanismos semióticos da intolerância e a maneira pela qual ela é continuamente tensionada pelo dinamismo da cultura.

Para Lotman (1979; 1996; 1998a; 1998b; 2000), cultura é informação construída por meio da correlação entre diferentes códigos e linguagens, sem a qual ela não poderia exercer sua principal função, ou seja, “organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem”² (LOTMAN; USPENSKI, 2000, p. 171). Nesse sentido, antes mesmo da representação, as formas sógnicas devem ser vistas pela capacidade de conferir materialidade à cultura e organizar a vida. Por consequência, qualquer tentativa de compreensão dos fenômenos sociais pelo ponto de vista semiótico deve tomar por base a mediação exercida pelo espaço semiótico de relações ou semiosfera (LOTMAN, 1996) nas mais variadas formas de interação que constroem e redefinem as coletividades. Inclusive, segundo os autores (LOTMAN; USPENSKI, 2000), o movimento dos sistemas constitutivos da cultura encontra-se diretamente vinculado às transformações sociais e, por isso, ambos não podem ser apartados.

Assim, em consonância com esse ponto de vista, interessa-nos explorar as estruturas binárias como formas de ordenação sógnica que constroem a intolerância como um fenômeno semiótico-cultural e modelizam comportamentos e valores, e o contraponto estabelecido pelas estruturas ternárias que, continuamente, tensionam a inflexibilidade das binárias.

Ainda em consonância com o pensamento lotmaniano, ambas as estruturas serão entendidas como formas de “construção da história tipológico-estrutural da cultura” (LOTMAN, 1979, p. 32), proposta pelo autor em contraposição à perspectiva historicista que situa os acontecimentos por meio da sucessão linear, causal e racional entre diferentes períodos, tal como prevê a filosofia da história universal de Hegel (1995).

Como um exercício de metalinguagem, a tipologia proposta por Lotman volta-se, antes de tudo, para a possibilidade de “descrever os diversos tipos de cultura como tipos de linguagens particulares” (LOTMAN, 1981, p. 101) que se

¹ “Cultura y explosión: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social” (1999) e “The unpredictable workings of culture” (2013).

² No original: “organizar estructuralmente el mundo que rodea al hombre”.

estruturam segundo o modo de ordenação dos seus mais variados códigos constitutivos, o que implica uma “hierarquia complexa de sistemas de codificação” (LOTMAN, 1981, p. 101), que nunca é definitiva. Mais especificamente, a hierarquização se constitui pela presença de um dominante, do qual decorre o modo como cada cultura constrói para si própria uma tendência relativa ao seu desenvolvimento.

O dominante deve ser entendido em consonância com Roman Jakobson, que o define como um “um elemento que torna específica uma determinada variedade de linguagem [...] e assim sendo atua como seu constituinte obrigatório e inescapável” (JAKOBSON, 1983, p. 485). Longe de estabelecer uma “estrutura pré-definida”, ele pressupõe um “sistema de valores” (JAKOBSON, 1983, p. 485) que cria um direcionamento para o modo como um sistema hierarquiza sua estrutura sígnica com base num código dominante, de modo que “o código de uma época não é a cifra única, mas a predominante” (LOTMAN, 1979, p. 35).

Porém, tal ordenação não se reporta a uma estrutura estanque; ao contrário, como todo sistema subsiste no espaço semiótico de relações e estabelece complexas trocas com ele por meio da fronteira (LOTMAN, 1990; 1996), logo, qualquer hierarquia deve ser vista no âmbito das variações, pelas quais se torna possível apreender os “elementos invariantes de um sistema semiótico” (LOTMAN, 1981, p. 102). Por sua vez, a metalinguagem tipológica não pode ser dissociada da metalinguagem topológica que, segundo Lotman (1998a), volta-se para a delimitação de modelos espaciais – também entendidos como códigos culturais –, pelos quais igualmente pode-se delinear aquilo que se mantém recorrente no âmbito de uma cultura, no caso, formas de individuação semiótica decorrentes da dominância de determinados modos de organização espacial. Assim, é a partir da apreensão de elementos invariantes no contexto das variações que se constrói a tipologia de uma cultura.

Mais especificamente, no que tange à apreensão das estruturas binárias e ternárias no âmbito da tipologia, Lotman indica que, aliado ao significado primariamente relacionado aos números como cifras, sobrepõe-se outro, referente à possibilidade de associá-los a diferentes modos de organização de distintas culturas. Isso decorre da sintetização de uma qualidade com base nos diversos níveis quantitativos que a constituem que, por sua vez, servem de “[...] base para a redução dos elementos de um nível a certo repertório elementar, e dos elementos de outros níveis à variação quantitativa dos mesmos” (LOTMAN, 1998a, p. 137)³. Com isso, estabelece-se a associação entre um conceito e um “elemento semântico de outro nível” (LOTMAN, 1998a, p. 137)⁴, que pode ser um número. Nesse caso, o número tem a capacidade de sintetizar e, ao mesmo

³ No original: “[...] base para la reducción de los elementos de un nivel a cierto repertorio elemental, y de los elementos de los otros niveles a la variación cuantitativa de dos mismos”.

⁴ No original: “elemento semántico de otro nivel”.

tempo, expressar a variedade dos elementos que, necessariamente, constituem uma mesma ordenação tipológica.

Tal como propõe Lotman, ainda que “binário” e “ternário” não sejam números, seus sentidos estão diretamente relacionados a eles. Assim, pela análise tipológica, qualquer cultura designada por meio dessa nomeação se reportaria a modos específicos de hierarquização de seus diferentes códigos constitutivos, passíveis de serem sintetizados pela correlação entre dois ou três elementos ou aspectos.

Com isso, torna-se possível construir séries paradigmáticas (LOTMAN, 1979) da cultura que, inclusive, permitem conjecturar acerca da correlação entre diferentes fenômenos que, aparentemente, podem não manter nenhuma correlação entre si. Ao mesmo tempo, em virtude da mediação exercida pela semiosfera na vida social, a hierarquização entre diferentes códigos que constrói a individualidade semiótica de uma cultura produz uma informação que igualmente leva à delimitação de “[...] formas radicais da auto-consciência social, da organização das coletividades e da auto-organização da personalidade” (LOTMAN, 1979, p. 33).

Dessa forma, buscaremos colocar em discussão os dominantes que estabelecem uma tendência para o modo de estruturação de culturas em que, no caso das binárias, a intolerância coloca-se como um traço distintivo, diferentemente do que ocorre no âmbito das terciárias. Com isso, não se objetiva analisar um caso específico, mas, sim, indicar de que maneira a intolerância pode ser apreendida como um fenômeno semiótico, do qual resulta uma série paradigmática caracterizada pela recorrência de uma determinada hierarquização de distintos códigos culturais. É o que discutiremos a seguir.

1. As estruturas binárias e a intolerância

Também denominadas por Lotman (1999, p. 231) como “sistemas culturais binários”⁵, as culturas articuladas pela lógica da estruturação binária também foram abordadas no artigo “Sobre a metalinguagem das descrições tipológicas da cultura”⁶, publicado em 1969. Nele, o semioticista reporta-se ao modo de estruturação de diferentes tipos de cultura por meio da metalinguagem espacial – ou topológica –, uma vez que, segundo o pensamento lotmaniano, o espaço, assim como o código verbal, são sistemas modelizantes primários cujos modos de ordenação sígnica servem de base e parâmetro para o conhecimento e, também, para a elaboração dos arranjos combinatórios entre signos de outras esferas culturais, denominadas sistemas modelizantes secundários.

⁵ No original: “*sistemas culturales binarios*”.

⁶ No original: “*Sobre el metalenguaje de las descripciones tipológicas de la cultura*”.

Por esse modo peculiar de perceber e entender a tipologia das culturas, os sistemas que operam pela estruturação binária são compreendidos pela dinâmica espacial estabelecida entre, por exemplo, interior/ exterior ou dentro/ fora. Neste caso, estar dentro de uma dada cultura ou em seu interior não significa uma mera localização física e geográfica, mas alude, sobretudo, à constituição da categoria de pessoa como ser de linguagem com base na natureza do espaço.

Nas culturas binárias, os pontos de vista, ao serem qualificados como internos ou externos, determinam a diferenciação entre os sujeitos que pertencem ou não a uma esfera. Isso implica que a ideia de pertencimento pela ordem do espaço articula-se pela perspectiva “interna” de um dado sistema, em que os seres modelizados por tal focalização se constituem como partes integrantes de uma dada coletividade e, por isso, eles a nomeiam como “cultura própria”⁷ (LOTMAN, 1998b, p. 93). Na relação dicotômica produzida por meio da paridade espacial, o ponto de vista de uma dada cultura chega até os domínios de suas propagações, havendo, portanto, limite na preeminência da expansão de suas semioses e do espaço considerado interno.

Inspirado pela teoria matemática dos conjuntos, Lotman (1990; 1996) propõe a noção de fronteira cultural ou fronteira semiótica para compreender de que maneira um sistema de signos consegue manter sua individualidade, apesar de, continuamente, trocar informações com outras esferas da cultura. Isso ocorre porque toda fronteira atua como espaço tanto de confluência quanto de delimitação. No caso da fronteira como limiar, ela não funciona como mecanismo de divisão entre sistemas, mas como recurso de auto-organização de toda e qualquer esfera cultural para que, no diálogo com outras linguagens, ela não se volte para o caos.

Porém, a ordenação pela estruturação binária força a fronteira a atuar como instrumento de separação entre a “cultura própria”, que passa a ser reconhecida e nomeada dessa forma por ela mesma, ao passo que todas as demais são apontadas como o seu negativo. Dessa maneira, fazer ou ser parte de uma dada esfera cultural confere aos sujeitos o traço dominante de equivalência e simetria pelo ponto de vista da “cultura própria”, que permite que suas diferenças fiquem em segundo plano em prol de uma paridade social hegemônica.

A cultura constituída pela lógica binária relaciona-se com a ideia de identidade proposta por Aristóteles, ou seja: “uma unidade de ser, unidade de uma multiplicidade de seres ou unidade de um só ser tratado como múltiplo, como quando se diz, por exemplo, que a coisa é idêntica a si mesma” (ARISTÓTELES *apud* MORA, 2001, p. 357). A unidade apresenta-se como uma grandeza fundamental para as manifestações das relações de identidade, pois ela

⁷ No original: “*cultura propria*”.

se define e, portanto, é delimitada por meio de elementos que se equivalem, o que implica dizer que a “cultura própria” se constitui e se encerra num conjunto de termos individuais que se identificam como iguais e, assim, pertencentes ao todo.

Ao correlacionar a noção de identidade aristotélica com os sistemas culturais binários, não há como não trazer para a discussão o princípio da não-contradição. Isso porque, do mesmo modo como a “cultura própria” permite que seus indivíduos se reconheçam como iguais, ela também determina que um sujeito, concebido como “um igual”, não pode ser considerado simultaneamente como “um não-igual”, dado que a constituição da unidade da “cultura própria” ocorre pela dominância da lógica da identidade e não pelo seu oposto.

Ainda sobre o princípio da não-contradição, “é impossível que a mesma coisa, ao mesmo tempo, pertença e não pertença a uma mesma coisa, segundo o mesmo aspecto” (ARISTÓTELES, 2002, p. 143), ou, ainda, “é impossível acreditar que uma mesma coisa seja e não seja” (ARISTÓTELES, 2002, p. 145). O princípio no qual “não é possível que os contrários subsistam num mesmo sujeito” (ARISTÓTELES, 2002, p. 145) pressupõe que, se os termos antitéticos atuarem conjuntamente, ocorrerá justamente a indeterminação do determinado, isso porque se trata de uma coexistência que, pela lógica, invalida a própria existência de cada elemento.

Do ponto de vista da “cultura própria”, seu interior é constituído pela lógica do ser parte dela e/ou do pertencer a ela. Esse é o traço dominante e determinante que serve como mecanismo identitário entre seus componentes e, por isso, não pode ser negado, caso contrário, desagregará o todo. Assim, sob o ponto de vista externo da “cultura própria”, manifesta-se o seu negativo, a “não-cultura própria”, que poderá ser traduzido e convertido num mundo desordenado, como a natureza, outras culturas etc. Pela articulação binária, a determinação do mundo interno ocorre em sintonia com a indeterminação do seu mundo externo, sendo a relação entre eles tensionada entre uma forma positiva e sua contraparte negativa.

Os sentidos não se confundem, são contrários ou opostos, mas, de alguma forma, complementares, pois um é positivado com a negação do outro. Trata-se do mecanismo mais elementar de constituição da individualidade semiótica: a relação entre cultura e não cultura ou entre o eu e o alheio. Por meio desse mecanismo, uma cultura constrói sua própria organização interna em contraposição com o outro, visto por ela como “não organizado”. Porém, pela perspectiva epistemológica subjacente à semiosfera, o “não organizado” é, antes de tudo, portador de uma organização distinta.

Por isso, conforme já sinalizado, na estrutura binária, a fronteira cultural atuará como espaço de demarcação, de modo a proteger e garantir a permanência da “cultura própria”, segregando-a daquilo que não é reconhecido

como idêntico. A intolerância surge justamente dessa rigidez imposta pela fronteira cultural utilizada apenas e tão somente como espaço de apartação, em que o mecanismo de autoafirmação depende da negação do “outro distinto” e, portanto, percebido como desigual. Assim, como Lotman afirma:

Não é surpreendente, então, que um modelo rigidamente binário seja tão propício para demonstrações de intolerância e emoções sociais destrutivas. Expresso com completude clássica na fórmula ‘Se você não está conosco, está contra nós’, esse modelo historicamente vem à tona sempre que a criatividade é posta de lado pela destruição (LOTMAN, 2013, p. 79-80).⁸

A invalidação da fronteira como espaço de interação entre os diferentes nos sistemas binários adequa-se ao princípio da não-contradição, no qual, de acordo com Abbagnano, em alusão a Aristóteles, “os contrários se excluem absolutamente, que não existe entre eles noção intermediária e que ao menos um deles deve pertencer ao objeto” (ABBAGNANO, 2003, p. 205). Dessa maneira, a alteridade e o diferente não funcionam como fontes de informação para a construção da “cultura própria”, pois deverão ficar do lado de fora de suas expansões. Disso acarreta que não será tolerado o que está “fora”, que deverá ser combatido, pois se apresenta como uma ameaça à ordem. Trata-se de uma “oposição que por si só exclui o caminho do meio” (ARISTÓTELES *apud* ABBAGNANO, 2003, p. 205).

Lotman irá ater-se ao processo de construção do outro como inimigo em seu artigo intitulado “Caixa de bruxas. A semiótica do medo” (LOTMAN, 2008)⁹, no qual investiga a construção social da personagem “bruxa” pela intolerância religiosa que alcançou seu momento mais intenso na Europa Ocidental nos séculos XVI e XVII (LOTMAN, 2008, p. 12). A discussão não se volta para a análise psicológica das angústias coletivas por conta de uma possível ameaça ou do (re)conhecimento por meio da perspectiva histórica do processo de caça às bruxas com base em distintas ocorrências, mas, sim, para a tentativa de perceber os mecanismos codificadores que geraram as bruxas como textos da cultura.

Em consonância com o pensamento semiótico formulado por Lotman, o texto deve ser entendido como qualquer arranjo sógnico construído por meio do diálogo entre distintos sistemas de linguagem. Por isso, um dos seus principais traços distintivos é a “heterogeneidade semiótica” (LOTMAN, 1998a, p. 14)¹⁰, decorrente da diversidade de codificações que o constitui e que o torna apto a

⁸ No original: “It is not surprising then that a rigidly binary model is so conducive to displays of intolerance and destructive social emotions. Expressed with classic completeness in the formula “If you’re not with us, you’re against us,” this model historically comes to the surface whenever creativity is pushed aside by destruction”.

⁹ No original: “Caja de brujas. La semiótica del miedo”

¹⁰ No original: “heterogeneidad semiótica”.

produzir novos sentidos na cultura e ressignificar aqueles já existentes. Porém, apesar dessa caracterização, Lotman (1998a) não desconsidera a existência de arranjos textuais mais homogêneos, voltados à transmissão de um significado unívoco.

Retomando a questão referente às bruxas, segundo o semioticista, elas surgem em sociedades que são acometidas pelo medo, horror e pânico, cujas causas reais são desconhecidas (LOTMAN, 2008, p. 12), diferente daquelas que sofrem ameaças por um perigo evidente. É diante do desconhecido que

[...] aparecem destinatários mistificados, semioticamente construídos: não é a ameaça que cria o medo, mas é o medo que cria a ameaça. O objeto do medo acaba sendo uma construção social, a criação de códigos semióticos, com a ajuda da qual a sociedade em questão codifica a si mesma e o mundo circundante (LOTMAN, 2008, p. 12).¹¹

Estamos novamente diante do funcionamento dos sistemas binários, nos quais o interior e o exterior se constroem em oposição por meio de mecanismos semióticos, no caso, do medo, cujas representações são produzidas internamente para solidificar a crença de que uma dada sociedade está necessariamente sujeita a sofrer constantes danos em sua constituição e ordenação. Dessa forma, o medo justifica a fabricação tanto das ameaças quanto dos inimigos ameaçadores. Não por acaso, na estrutura binária, a cultura do medo é um instrumento para fomentar, também, a cultura do ódio e da intolerância em relação aos que serão reconhecidos como bruxos, bárbaros, selvagens, estranhos, sem cultura, não civilizados e, portanto, ameaçadores, inimigos, malévolos e odiados. Como Lotman afirma, o “ideal do sistema binário [é] a completa aniquilação de todo o existente que se considera como contaminado por irremediáveis vícios” (LOTMAN, 1999, p. 222)¹². Com isso, os textos culturais produzidos por essas estruturas tendem a reiterar uma mesma informação e, por consequência, preservar o espaço da “cultura própria”.

Tais representações estão relacionadas com o que Lotman denomina como “o objeto invariável do medo imotivado” (LOTMAN, 2008, p. 13)¹³, pois entre elas é possível obter uma estrutura sincrônica por meio de “formas estereotipadas” (LOTMAN, 2008, p. 18) ou “estereótipo do ‘heterodoxo’” (LOTMAN, 2008, p. 19)¹⁴. São representações simbólicas de personas

¹¹ No original: “[...] *aparecen unos destinatarios mistificados, contruidos semióticamente: no es la amenaza la que crea el miedo, sino el miedo el que crea la amenaza. El objeto del miedo resulta ser una construcción social, la creación de códigos semióticos, con cuya ayuda la sociedad en cuestión se codifica a sí misma y al mundo circundante*”.

¹² No original: “[...] *la completa aniquilación de todo lo existente que se considera como contaminado por irremediables vicios*”.

¹³ No original: “*el objeto invariable del miedo imotivado*”.

¹⁴ No original: “*estereotipo de «heterodoxo»*”.

reconhecidas pela intolerância religiosa como as “anti-fé”¹⁵, cuja função é posicionada para ser somente contra alguma coisa ou algo, seja a religião vigente ou a “cultura própria”. Trata-se, assim, de um aspecto comportamental que passa a direcionar as coletividades modelizadas pelas estruturas binárias.

Nesse sentido, a depender da relação espaço-temporal e dos traços distintivos da “cultura própria”, o “inimigo” pode adquirir diferentes feições, ainda que pertencentes a uma mesma tipologia da cultura. Inúmeras são as formas pelas quais o binarismo pode ganhar materialidade na cultura, sendo a bruxa, conforme indicado, apenas uma delas. Para Lotman, o fascismo seria outro modo de configuração dessas estruturas, pois, “a vertente fascista se aferra à verdade (que é sempre sua verdade) a qualquer preço”, cujo compromisso “é a guerra até o final vitorioso e o completo aniquilamento do adversário” (LOTMAN, 1999, p. 226)¹⁶.

Em conformidade com essa linha de raciocínio e, seguindo a mesma tipologia – ainda que não utilize tal terminologia –, Mbembe (2020) aponta que um traço central das democracias liberais reside justamente na distinção entre os semelhantes e os dessemelhantes ou, mais especificamente, entre os “amigos e aliados” e os “inimigos da civilização” (MBEMBE, 2020, p. 91) a quem se deve odiar, incondicionalmente, impossibilitando assim qualquer acordo ou tentativa de proximidade. Não se trata de considerar se tal inimigo possui existência ou se, de fato, constitui um risco. No caso, nota-se a ação do mecanismo de individuação semiótica que, continuamente, gera a distinção entre o eu e o outro, que leva ao medo à construção de contínuas ameaças que podem se materializar das mais diversas formas, absolutamente indispensáveis para a sobrevivência das democracias e, sobretudo, para a legitimação do seu *modus operandi*. Assim,

Com a ampla reprodução do efeito do medo, as democracias liberais continuam fabricando espantalhos para lhes meter medo – hoje a jovem velada, amanhã o aprendiz de terrorista retornado dos campos de batalha do Oriente Próximo e Médio, e, de modo geral, os lobos solitários ou células dormentes de tocaia nos interstícios da sociedade que espreitam, buscando o momento propício para passar à ação (MBEMBE, 2020, p. 88).

Trata-se assim de uma construção que “nunca para de se metamorfosear” (MBEMBE, 2020, p. 94), que pode adquirir as feições mais diversas: uma nação, um grupo étnico, uma religião, uma cultura, dentre outros. Por sua vez, os inimigos são figurativizados em “caricaturas, clichês e estereótipos” (MBEMBE,

¹⁵ No original: “«anti-fe»”.

¹⁶ No original: “la vertiente fascista se aferra a la verdad (que es siempre su verdad) a cualquier precio” [...] “es la guerra hasta el final victorioso y el completo aniquilamiento del adversario”.

2020, p. 92) ou, ainda, em textos culturais que, assim como as bruxas, são mais facilmente identificados como aqueles a quem se deve odiar, pois veiculam um significado único: o da inimizade.

Um caso mais específico desse mecanismo pode ser apreendido na análise feita por Butler (2021) sobre o processo de regulamentação da autodeclaração da homossexualidade por membros das Forças Armadas Americanas. Elaborado com base nas “Novas diretrizes de políticas sobre homossexuais nas Forças Armadas”, anunciadas pelo Pentágono em 19 de julho de 1993, a autora compreende-o como um instrumento do Estado para controlar tanto o significado do termo “homossexual” quanto suas condições de enunciação. Isso porque esse termo “descreve uma classe de pessoas que deve continuar sendo proibida de se autodefinir” e, por isso, “o termo deve ser atribuído por outra instância” (BUTLER, 2021, p. 177).

Tal processo gerou um modo de representação do(a) homossexual a partir do ponto de vista da cultura e do imaginário homofóbico como forma de evitar, dificultar, coibir e proibir, justamente, qualquer tentativa de autorrepresentação por parte dos(as) próprios(as) homossexuais. Dessa maneira, sob a ótica das Forças Armadas e do Congresso Americano, “um homossexual é alguém cuja definição deve ser deixada para outros, aquele ou aquela a quem é negado o ato de se autodefinir quanto à sua própria sexualidade, alguém cuja autonegação é um pré-requisito para o serviço militar” (BUTLER, 2021, p. 177).

O procedimento analisado por Butler só funciona por meio da lógica de articulação da cultura binária, na qual qualquer possibilidade de contestação e de questionamento da ordem estipulada precisa ser neutralizada ou extirpada. Ao mesmo tempo, para pertencer ao todo e se manter como extensão da totalidade, é necessário atender as condições impostas pelas leis, normas e condutas elaboradas, sustentadas e perpetuadas por aqueles que são considerados “iguais”.

Assim, no caso alertado por Butler, para ser reconhecido como parte da corporação, é preciso submeter-se aos instrumentos e mecanismos de uniformização necessários para a implementação das relações de identidade. Negar, neutralizar ou ignorar as diferenças parece ser um modo do intolerável tornar-se tolerável e, por isso, no caso da Forças Armadas Americanas, como afirma Butler, é produzida “uma concepção de ‘homem’ enquanto homossexual que nega a si mesmo” (BUTLER, 2021, p. 182) e, assim, coloca em funcionamento a “produção reguladora da sociabilidade homoerótica” (BUTLER, 2021, p. 185) no mundo dominante da heteronormatividade.

Nota-se que, apesar das suas especificidades, todos esses casos elucidam a possibilidade de constituição de séries paradigmáticas em que se torna possível apreender um funcionamento semiótico similar, pautado pelo processo de individuação semiótica e pelo binarismo. Se, nesses fenômenos, a fronteira

semiótica como espaço de trânsito, troca e tradução é “ignorada”, nas culturas terciárias, ela exerce um papel central. É o que discutiremos a seguir.

2. As estruturas ternárias e a heterogeneidade semiótica

No âmbito da delimitação das relações espaciais ou topológicas, cumpre lembrar que a relação com o outro implica um duplo movimento, pois tanto é condição para a constituição de uma individualidade semiótica quanto para o estabelecimento do intercâmbio tradutório.

Nesse processo, a fronteira constitui um mecanismo central, visto que ela se distingue justamente pela ambivalência, pois tanto permite apreender a singularidade do modo de organização de um sistema, conferindo a ele uma individualidade semiótica, quanto une, ao propiciar os intercâmbios tradutórios — e de intraduzibilidade — entre diferentes esferas. Um aspecto central da ambivalência é que ela não apenas admite como se constitui pelo “meio termo” ou “terceiro excluído”, que passa a ser “incluído” como espaço de troca nas estruturas ternárias. Aquilo que é inviável nas culturas binárias e na lógica da “não contradição” é, justamente, o que se constitui como dominante nas terciárias. Isso porque o “meio termo” implica, justamente, o desfazimento das relações opositivas que caracterizam a intolerância.

Assim, se, por um lado, é pela fronteira que se dá a constituição da unidade, tal como apontado com relação às estruturas binárias, por outro, também é por meio dela que ocorrem os processos de destotalização, tal como indicam Makarychev e Yatsyk (2017). Nisso reside sua ambivalência. Mais especificamente, Lotman a define pela ação que ela exerce no funcionamento dos sistemas, de modo que:

[...] o aumento da ambivalência interna corresponde ao momento da passagem de um sistema a um estado dinâmico, no curso do qual a indefinição se redistribui estruturalmente e recebe, já no marco de uma nova organização, um novo sentido unívoco. Assim, o aumento da univocidade interna pode ser considerado como uma intensificação das tendências homeostáticas, e o aumento da ambivalência, como um indicador da proximidade do salto dinâmico (LOTMAN, 1998a, p. 75).¹⁷

A ambivalência implica justamente aquilo que emerge da relação tradutória com o diferente pois é, ao mesmo tempo, “dentro e fora”, considerando a

¹⁷ No original: “[...] el aumento de la ambivalencia interna corresponde al momento del paso del sistema a un estado dinámico, en el curso del cual la indefinición se redistribuye estructuralmente y recibe, ya en el marco de una nueva organización, un nuevo sentido unívoco. Así, pues, el aumento de la univocidad interna puede ser considerado como una intensificación de las tendencias homeostáticas, y el aumento de la ambivalencia, como un indicador del acercamiento del momento del salto dinámico”.

realidade de um sistema específico. Nesse caso, o “outro” funciona como fonte de informação, ao invés de ser um inimigo a ser combatido.

Longe de ser um a priori, a fronteira surge da relação eminentemente assimétrica que um sistema estabelece com outros, considerando a especificidade de uma situação ou um contexto determinado. Disso resulta tanto a reordenação de uma esfera quanto sua necessidade de autodescrição interna, das quais decorre a redefinição da posição da própria fronteira, que nunca é definitiva. Trata-se, primordialmente, de um espaço de diferenciação, e não de unificação.

Inclusive, é por meio desse processo que um sistema continuamente redefine o que lhe é próprio e o que é estrangeiro (LOTMAN, 2013), pois aquilo que, numa dada relação espaço-temporal, é considerado forasteiro, em outro momento pode vir a ser incluído pela fronteira, tornando-se o “meio termo”, de modo a não apenas fazer parte da individualidade semiótica de uma esfera como também gerar sua reordenação interna. Assim,

A constante mudança entre o ‘próprio’ e o ‘estrangeiro’ e o ‘estrangeiro’ e o ‘próprio’ é um dos mecanismos mais fundamentais na evolução das culturas. O ‘estrangeiro’, entretanto, deve ser entendido aqui como uma construção produzida pela própria cultura e pertencente a ela (LOTMAN, 2013, p. 61-62).¹⁸

Nota-se que o “estrangeiro” implica uma posição funcional e contextual sempre passível de sofrer alterações, assim como se mantém, de alguma forma, vinculado à cultura que o define como tal, uma vez que ele também é fruto dela. Pode-se dizer que o estrangeiro permanece em estado de latência – ou devir –, que subsiste como possibilidade de tensionamento pelo qual um sistema ganha dinamicidade e produz novos textos e sentidos na cultura.

Pela perspectiva epistemológica subjacente à semiosfera, toda esfera cultural mantém constante diálogo com o entorno, de modo que qualquer “fechamento”, seja em virtude do processo de individuação semiótica ou da necessidade de reordenação interna em decorrência do intercâmbio tradutório, é sempre provisório. O “terceiro excluído” que passa a ser “incluído” numa dada ordenação sistêmica pela fronteira constitui um mecanismo inerente à “modelização da invariante intelectual” (LOTMAN, 1998a, p. 19)¹⁹ que caracteriza o movimento das culturas, dado um duplo movimento: tanto são tensionadas pelas fronteiras quanto são capazes de se auto-organizar a partir delas. Assim, para Lotman, “o princípio da tríade nas relações estruturais é

¹⁸ No original: “*The constant shifting between ‘one’s own’ and the ‘foreign’ and the ‘foreign’ and ‘one’s own’ is one of the most fundamental mechanisms in the evolution of cultures. The ‘foreign’, however, must be understood here as a construction produced by one’s own culture and belonging to it.*”

¹⁹ No original: “*modelización de la invariante intelectual como tal.*”

universal e pode ser traçado em todos os níveis e estágios da cultura” (LOTMAN, 2013, p. 80)²⁰ que, por sua vez, constitui uma constante ameaça à univocidade característica das estruturas binárias.

Por consequência, a individualidade semiótica que caracteriza as estruturas ternárias se constitui pela correlação de diferentes singularidades que passam a compartilhar apenas alguns níveis comuns, que nunca se fundem, o que constitui um poderoso instrumento de destotalização e enfrentamento à intolerância. Com isso, as relações sociais mediadas por essas estruturas passam a ser modelizadas a partir dos encontros e intercâmbios que surgem na fronteira, o que, necessariamente, implica em diversidade e pluralidade de vozes em relação.

É por isso que as estruturas ternárias são parte da história tipológica das culturas, pois elas elucidam não apenas o modo de ordenação inerente dos sistemas, como também um modelo para o seu desenvolvimento, em que o “terceiro excluído” coloca-se como dominante, estabelecendo assim uma hierarquia para distintos códigos e valores. Ao contrário do que ocorre com as estruturas binárias, em que há a imposição de um ideal sobre a vida social (LOTMAN, 1999), nas ternárias há a correlação entre ambas, em virtude do dinamismo que as distingue, potencializado, justamente, pelo tensionamento provocado pelo “outro”. Inclusive, como Makarychev e Yatsyk (2017) indicam, é justamente pela incapacidade de manter o vínculo com a dinâmica da vida em sociedade que as estruturas binárias tendem a expandir o campo de atuação da intolerância.

Em conformidade com essa linha de raciocínio, é importante salientar que, ainda que aponte a centralidade do ódio e da inimizade no funcionamento das democracias liberais, Mbembe igualmente reconhece o vínculo irremediável existente entre o eu e o outro a quem se deve execrar, o que não implica a fusão entre diferentes individualidades. Assim,

Sou perfeitamente capaz de destruir tudo o que abomino, mas isso não me exime do vínculo que eu mantinha com o terceiro destruído, ou com o terceiro a quem me separei. Isso porque *o objeto mau e eu nunca estamos completamente separados. Ao mesmo tempo, nunca estamos completamente juntos* (MBEMBE, 2020, p. 84).

Apesar de constituir uma invariante do movimento da cultura, as relações entre duas individualidades não são uniformes, visto que possuem diferentes graus de complexidade. Longe de serem harmônicos, tais encontros podem envolver “[...] cada vez mais tensão semiótica e colisões que adquirem às vezes um caráter dramático” (LOTMAN, 1998a, p. 41)²¹, em virtude da dessemelhança

²⁰ No original: “*The principle of the triadic in structural relations is universal and can be traced through all levels and stages of culture*”.

²¹ No original: “[...] *cada vez una tensión semiótica y colisiones que adquieren a veces un carácter dramático*”.

daquilo que foi colocado em diálogo. Desses tensionamentos resultam a emergência de novas ordenações sistêmicas que não se equiparam a nenhuma daquelas colocadas em interação, mas que, sem elas, tampouco existiria. Quanto a isso, Lotman é muito elucidativo ao indicar que:

O modelo medieval Ocidental foi formado na intersecção dos ideais Cristãos e da herança jurídica Romana. A característica essencial desse modelo era sua natureza triádica, que se formou na encruzilhada do pecado e da santidade, de um lado, e da lei e da ilegalidade, de outro (LOTMAN, 2013, p. 83).²²

Nota-se que, no caso acima, Lotman situa como triádico justamente aquilo que irrompe a partir de outras duas esferas, a princípio, incompatíveis. São situações que emergem na dinâmica das culturas em que, justamente pela fronteira entre duas individualidades semióticas radicalmente distintas, há o “[...] constante incremento das ‘encruzilhadas’, das alternativas, os momentos de eleição do caminho [...]” (LOTMAN, 1998a, p. 252)²³, em que a ambivalência se torna ainda mais premente.

Os intercâmbios que ocorrem na fronteira envolvem tanto a tradução, ou seja, quando as trocas entre sistemas se efetuam por meio de um algoritmo cultural pré-definido, edificado pela intersecção de determinados níveis comuns entre distintos códigos, como a intraduzibilidade, quando esse parâmetro inexistente, dada a incompatibilidade das individualidades semióticas colocadas em interação. Nesses casos, são produzidas equivalências tradutórias entre diferentes níveis que, como Lotman indica, são decorrentes das “escolhas” entre diferentes alternativas por parte dos sistemas. Assim,

[...] no processo de recodificação não se forma *uma só* tradução, mas sim certo *repertório* de traduções corretas, o qual se faz indispensável a existência de um mecanismo de correção. Posto que o processo de formação de sentido se efetua em muitos níveis, também o mecanismo de correção e eleição dos textos necessários possui um caráter multiescalonado (LOTMAN, 1998a, p. 20).²⁴

Pela intraduzibilidade irrompem encruzilhadas que “requerem” escolhas tradutórias que igualmente elucidam a ação da “invariante intelectual”, pela qual a cultura é constantemente tensionada pelo “diferente”, como também se

²² No original: “*The Western medieval model was formed at the intersection of Christian ideals and the Roman juridical heritage. The essential characteristic of this model was its triadic nature, which was formed at the crossroads of sin and holiness, on the hand, and law and lawlessness, on the other*”.

²³ No original: “[...] *constante incremento de las ‘encruzilhadas’, las alternativas, los momentos de elección del camino [...]*”

²⁴ No original: “[...] *en el proceso de recodificación del texto no se forma una sola traducción, sino cierto repertorio de traducciones ‘correctas’ (posibles), lo cual hace indispensable la existencia de un mecanismo de corrección. Puesto que el proceso de formación del sentido se efectúa en muchos niveles, también el mecanismo de corrección y elección de los textos necesarios posee un carácter multiescalonado*”.

reelabora a partir dele, sem se autodestruir. Não por acaso, nesse contexto, Lotman reporta-se à recodificação, ou seja, à criação de códigos culturais até então inexistentes. Assim, “correto” e “incorreto” devem ser entendidos, antes de tudo, pela “seleção” de uma possibilidade combinatória dentre muitas outras surgidas mediante os processos de intraduzibilidade, os quais ocasionam a produção de textos semioticamente heterogêneos que, por consequência, amplificam a capacidade de produção de novos sentidos pelas culturas.

É importante pontuar de que maneira as encruzilhadas que irrompem da intraduzibilidade nos permitem apreender o modo de funcionamento das estruturas ternárias, pois, nesse contexto, as bifurcações devem ser vistas como pontos de desestabilização gerados pela presença do outro, a partir do qual um novo estado ou configuração signífica se torna possível, mediante escolhas tradutórias a serem feitas pelos sistemas.

Nota-se de que maneira as estruturas ternárias subsistem como formas de destotalização que vão de encontro à intolerância que caracteriza as culturas binárias. Ainda que o foco da obra lotmaniana seja voltada para a discussão sobre os processos de constituição de novos textos e sentidos na cultura, da mesma forma que o movimento da semiosfera seja completamente avesso à autorreferencialidade das estruturas binárias, o semiótico não deixou de considerá-las como um mecanismo semiótico atuante na cultura.

Mais uma vez, se retomarmos a mediação exercida pelo espaço semiótico nas formas de interação social, não há como desconsiderar que a intolerância se constitui num fenômeno que persiste, apesar de ser continuamente tensionada pelo dinamismo da cultura. Inclusive, é curioso observar que, na atualidade, posicionamentos de ódio ao diferente, endereçado a gays, negros, mulheres, imigrantes, refugiados, grupos religiosos e étnicos minoritários são, paralelamente, cada vez mais confrontados por fenômenos que se distinguem, justamente, pela heterogeneidade – como é o caso dos corpos não binários – como também pela necessidade de apreensão desses grupos por meio da sua diversidade e complexidade constitutiva, como é o caso da abordagem relativa às interseccionalidades (COLLINS; BILGE, 2021). Se, como buscamos demonstrar ao longo deste trabalho, as culturas binárias nos permitem apreender o funcionamento semiótico da intolerância, as terciárias oferecem uma importante contribuição relativa à irrupção de textos que tendem a confrontá-la.

Considerações finais

Se considerarmos a mediação exercida pelo espaço semiótico de relações nas coletividades, logo, pode-se depreender que as estruturas binárias e ternárias constituem um importante instrumento de apreensão de distintos modos de articulação social. Nesse caso, a perspectiva semiótica implica, antes de tudo, a

consideração do modo pelo qual, pela topologia referente a determinados códigos espaciais, uma cultura se auto-organiza em face de um dominante relacionado à hierarquização dos seus distintos códigos e ao seu desenvolvimento. Conforme apontamos no início deste trabalho, trata-se de apreender, antes de tudo, a maneira pela qual a cultura, por meio dos códigos e das linguagens que a constituem, organiza e, com isso, confere sentido à vida.

A complexidade da discussão proposta por Lotman implica, assim, a consideração de duas tendências – binárias e ternárias – que subsistem sincronicamente na cultura sem se anularem, ainda que uma possa vir a contaminar a outra, e não suplantar. Assim, se, nas culturas binárias, busca-se “preservar” o que já está constituído, de modo a ratificar um sentido unívoco, nas ternárias há a geração de novas mensagens e textos culturais que surgem a partir da tensão com o “outro”.

Apreender como isso ocorre na sincronia do espaço semiótico e delinear séries paradigmáticas com base na correlação entre fenômenos caracterizados por uma mesma tipologia coloca-se, assim, como um desafio de compreensão relacionado à perspectiva epistemológica de estudo da cultura subjacente à semiosfera. Essa é, a nosso ver, uma contribuição de extrema importância que o pensamento lotmaniano oferece para a apreensão seja de identidades marcadas pela intolerância, seja por aquelas pautadas pela diversidade. ●

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. *Curso de filosofia aristotélica*. São Paulo: Manole, 2003.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio*. Uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história*. Introdução à filosofia da história universal. Lisboa: Ed. 70, 1995.

JAKOBSON, Roman. O dominante. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 485-491.

LOTMAN, Iuri. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris. *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 31-42.

LOTMAN, Iuri. O problema do signo e do sistema sígnico na tipologia da cultura anterior ao século XX. In: LOTMAN, Iuri; USPENSKI, Boris; IVANÓV, Vyacheslav. *Ensaios de semiótica soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981. p. 101-130.

LOTMAN, Iuri. *Universe of the mind*. A semiotic theory of culture. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1990.

- LOTMAN, Iuri. *La semiosfera I*. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- LOTMAN, Iuri. *La semiosfera II*. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998a.
- LOTMAN, Iuri. Sobre el metalenguaje de las descripciones tipológicas de la cultura. *In*: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera II*. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998b. p. 93-123.
- LOTMAN, Iuri. *Cultura y explosión*. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.
- LOTMAN, Iuri. *La semiosfera III*. Semiótica de las artes y de la cultura. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.
- LOTMAN, Iuri. Caza de brujas. La semiótica del miedo. *Revista de Occidente*, Madrid, n. 329, p. 5-33, 2008.
- LOTMAN, Iuri. *The unpredictable workings of culture*. Tallin: TLU Press, 2013.
- LOTMAN, Iuri; USPENSKI, Boris. Sobre el mecanismo semiótico de la cultura. *In*: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera III*. Semiótica de las artes y de la cultura. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000. p. 168-193.
- MAKARYCHEV, Andrey; YATSYK, Alexandra. *Lotman's cultural semiotics and the political*. Maryland: Rowman & Littlefield International, 2017.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Binary and ternary cultures: from intolerance to semiotic translation

 NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira

 NAKAGAWA, Fábio Sadao

Abstract: Based on the formulation proposed by the cultural semiotician Yuri Lotman, we are interested in discussing how binary structures that elucidate the semiotic functioning of intolerance, unlike what happens with ternary structures, which are characterized by ambivalence and interchange with different cultural spheres. Both will be explored as typologies that, according to Lotman, anticipate the apprehension of cultures as systems of languages that are organized due to the presence of a dominant. Thus, in the case of binary structures, this occurs through the spatial dynamics established between inside/outside or inside/outside, where the separation between “culture itself” and “foreign” arises, so that everything that is not part of the former is seen as a threat, generating intolerance. On the other hand, in ternary structures, “different” is considered a source of information through which individualities characterized by diversity and semiotic heterogeneity are constructed. With this discussion, we aim to show how intolerance is understood as a cultural semiotic phenomenon and how it is constantly strained by the movement of the semiotic space of relationships.

Keywords: binary structures; ternary structures; intolerance; typology of culture.

Como citar este artigo

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; NAKAGAWA, Fábio Sadao. As culturas binárias e ternárias: da intolerância à tradução semiótica. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 3. São Paulo, dezembro de 2022. p. 201-217. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; NAKAGAWA, Fábio Sadao. As culturas binárias e ternárias: da intolerância à tradução semiótica. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.3. São Paulo, December 2022. p. 201-217. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 31/05/2022.

Data de aprovação do artigo: 18/08/2022.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

